

**Pr. Leandro B. Peixoto**

*Segunda Igreja Batista em Goiânia*

www.sibgoiania.org

20 de dezembro de 2020

---

[CARTAS DO NOVO MUNDO]

*Msg. 01*

## **CARTAS DO NOVO MUNDO**

### **AS 13 CARTAS DO APÓSTOLO PAULO E AS VELHAS NECESSIDADES DE TODO MUNDO**

**[Gálatas 2.19-20]** <sup>19</sup>Pois, quando procurei viver por meio da lei, ela me condenou. Portanto, morri para a lei a fim de viver para Deus. <sup>20</sup>Fui crucificado com Cristo; assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. Portanto, vivo neste corpo terreno pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim.

## **O VELHO MUNDO**

A trilogia *O Senhor dos Anéis* é uma maravilha! J. R. R. Tolkien é, incontestavelmente, um gênio da literatura mundial. Você deveria ler e reler suas obras, especialmente *O Senhor dos Anéis* (3 volumes) e *O Hobbit*. No volume 1 de *O Senhor dos Anéis* (A Sociedade do Anel) o segundo capítulo é decisivo para se entender o fio da meada de toda a história. Revivendo “A Sombra do Passado” (esse é o título do capítulo 2), Gandalf narra a Frodo a história do Um Anel de Sauron, o Senhor do Escuro. Esse personagem do mal havia criado em segredo um outro anel, o Um Anel, na Montanha da Perdição em Mordor, para controlar o poder dos demais anéis forjados pelos elfos. A história é fascinante! Procure conhecê-la. Descrevendo aqueles dias de trevas, Gandalf contou a Frodo que

naquele tempo também havia tristeza, e uma escuridão crescente, mas houve pessoas valorosas e feitos que não foram totalmente em vão.

Nossos dias são de tristeza e de uma escuridão crescente – quem tem olhos para ver enxergará; quem tem coração sentirá. Espantoso, no entanto, não é tanto o estado no qual nós nos encontramos, mas a ausência de pessoas valorosas e seus feitos que jamais serão totalmente em vão. — Onde estão os homens e as mulheres de Deus neste velho mundo de tristeza e escuridão crescente em que vivemos? — A sensação que se

tem é de que tornaram-se insípidos, sem brilho e sem sabor, para nada mais prestam, “senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens” (Mt 5.13, ARA).

Nosso velho mundo de tristeza e dor está bem pintado pela pena hábil do grande apóstolo Paulo em suas 13 cartas do Novo Testamento. Por exemplo, Romanos 1.28-32:

<sup>28</sup>Uma vez que [os homens pecadores] consideraram que conhecer a Deus era algo inútil, o próprio Deus os entregou a um inútil modo de pensar, deixando que fizessem coisas que jamais deveriam ser feitas. <sup>29</sup>A vida deles se encheu de toda espécie de perversidade, pecado, ganância, ódio, inveja, homicídio, discórdia, engano, malícia e fofocas. <sup>30</sup>Espalham calúnias, odeiam a Deus, são insolentes, orgulhosos e arrogantes. Inventam novas maneiras de pecar e desobedecem a seus pais. <sup>31</sup>Não têm entendimento, quebram suas promessas, não mostram afeição nem misericórdia. <sup>32</sup>Sabem que, de acordo com a justiça de Deus, quem pratica essas coisas merece morrer, mas ainda assim continuam a praticá-las. E, o que é pior, incentivam outros a também fazê-lo.

O problema deste mundo não se resume ao que nós fazemos. A raiz do nosso mal é o que nós, pecadores, somos por natureza: gente que não ama a glória de Deus (Rm 1.21), gente entregue a si mesma, aos “desejos pecaminosos de seu coração” (Rm 1.24) – portanto, gente sem alma, coração ou piedade –, gente sem o Espírito, sem a vida que é a luz dos homens (Jo 1.4). “Como resultado”, disse Paulo, “praticaram entre si coisas desprezíveis e degradantes com o próprio corpo” (Rm 1.24). O mesmo apóstolo, descrevendo o homem natural, aquele que não tem o Espírito Santo – portanto, carnal –, escreveu em Gálatas 5.19-21:

<sup>19</sup>Quando [homens e mulheres pecadores] seguem os desejos da natureza humana, os resultados são extremamente claros: imoralidade sexual, impureza, sensualidade, <sup>20</sup>idolatria, feitiçaria, hostilidade, discórdias, ciúmes, acessos de raiva, ambições egoístas, dissensões, divisões, <sup>21</sup>inveja, bebedeiras, festanças desregradas e outros pecados semelhantes.

Correspondendo-se com Timóteo, com a intensão de orientar aquele jovem pastor na arte de pastorear o rebanho de Cristo a ele confiado na cidade de Éfeso, Paulo descreveu o estado deste velho mundo em 2Timóteo 3.1-5:

<sup>1</sup>Saiba que nos últimos dias haverá tempos muito difíceis. <sup>2</sup>Porque as pessoas só amarão a si mesmas e ao dinheiro. Serão arrogantes e orgulhosas, zombarão de Deus, desobedecerão a seus pais e serão ingratas e profanas. <sup>3</sup>Não terão afeição nem perdoarão; caluniarão outros e não terão autocontrole. Serão cruéis e odiarão o que é bom, <sup>4</sup>trairão os amigos, serão imprudentes e cheias de si e amarão os prazeres em vez de amar a Deus. <sup>5</sup>Serão religiosas apenas na aparência, mas rejeitarão o poder capaz de lhes dar a verdadeira devoção. Fique longe de gente assim!

Com efeito, “naquele tempo também havia tristeza, e uma escuridão crescente, mas houve pessoas valorosas e feitos que não foram totalmente em vão.” Sobre a gente dessa raça valorosa e realizadora de grandes feitos, Hebreus 11.36-38 nos conta que:

<sup>36</sup>Alguns foram alvo de zombaria e açoites, e outros, acorrentados em prisões. <sup>37</sup>Alguns morreram apedrejados, outros foram serrados ao meio, e outros ainda, mortos

à espada. Alguns andavam vestidos com peles de ovelhas e cabras, necessitados, afligidos e maltratados. <sup>38</sup>Este mundo não era digno deles. Vagaram por desertos e montes, escondendo-se em cavernas e buracos na terra.

O mundo em que vivemos, contrário do que pensam e pregam alguns, não tem nada de novo, antes, é o mesmo velho mundo adoecido e arruinado pelo pecado de sempre – mundo este que não é sequer digno dos santos homens e mulheres de Deus.

Pedro, o apóstolo, por exemplo, escrevendo de Roma, capital do Império Romano, denominou-a “Babilônia” (1Pe 5.13). Embora a Babilônia estivesse em ruínas já havia séculos (desde cerca de 539 a.C.), a referência que Pedro faz a ela ressoa com o Antigo Testamento, onde “Babilônia” representa um centro de poder terreno em oposição a Deus (cf. Is 13–14 e Jr 50–51). Portanto, a descrição que o apóstolo faz de Roma (chamando-a de Babilônia) servia para, dentre outros, destacar o estado de degradação do velho mundo de seu tempo, o velho mundo do pecado desde a queda de Adão e Eva.

Nas Escrituras, com efeito, Babilônia é a imagem do estado depravado do mundo em que vivemos – isto é: o mundo fascinado pela prosperidade, movido pela cobiça das pessoas e dos povos, e atolado na depravação moral sem qualquer constrangimento (cf. Ap 17–18). Ouça, por exemplo, o apóstolo João em Apocalipse 17.5: “Babilônia, a Grande, a Mãe das Prostitutas e das Abominações da Terra”. O texto apocalíptico prossegue para dizer que, no final dos tempos, esse velho mundo do pecado (a Babilônia) será destruído totalmente (Ap 18.21): “Assim, Babilônia, a grande cidade, será derrubada com violência e nunca mais será encontrada!” Pode-se concluir, portanto, com a mais absoluta certeza bíblica: não há nada de novo neste velho mundo que, sim!, um dia será julgado com justiça por Deus e destruído para sempre.

Em que pese todo avanço nas mais diversas áreas do saber, das ciências, do bem-estar e das relações humanas, as novas descobertas, conquistas e tudo o mais (fruto do cristianismo bíblico, diga-se de passagem)... em que pese toda a sofisticação, conforto e bem-estar de que gozamos (em relação aos que viveram nos séculos passados), nosso mundo não é novo, não está evoluindo para melhor; ao contrário, ele é muito, muito velho e deteriorado – haja vista nosso estado de entropia (o grau de desordem deste sistema em que vivemos). Novo mundo, portanto, ainda não é este, mas será aquele que o SENHOR mesmo fará descer de sua presença no fim desta era. Apocalipse 21.1-2:

<sup>1</sup>Então vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra já não existiam, e o mar também não mais existia. <sup>2</sup>E vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, como uma noiva belamente vestida para seu marido.

**ESSA ARGUMENTAÇÃO TEOLÓGICA É IMPORTANTE**, posto que por se acreditar e se alardear que estamos evoluindo cada vez mais para melhor, dizem: a mensagem do cristianismo, a mensagem da Bíblia também precisa ser atualizada para atender às novas

demandas deste “novo mundo”. Entretanto, não é isto o que diz a Escritura. De fato, não precisamos de cartas (atualizadas pelos homens) para o novo mundo. Nosso mundo não é novo e a nossa necessidade gritante é de cartas (inspiradas por Deus) para o velho mundo – cartas do novo mundo de Deus para as velhas necessidades de todo mundo.

Já nos dias do cristão batista John Bunyan (século XVII) a sociedade tentava viver o cristianismo de uma forma que se julgava mais sábia segundo o novo mundo. Em *O Peregrino*, uma alegoria da vida cristã escrita por Bunyan, nós ouvimos falar da vila distante chamada Moralidade, onde o seu mais ilustre habitante é

um cavaleiro cujo nome é Legalidade [homem da lei e de bons costumes], homem muito sensato (e de reputação muito ilibada) que tem a capacidade de ajudar a aliviar os homens dos fardos que carregam nos ombros, como o seu [, Cristão]. Pelo que sei [disse o Sábio-segundo-o-mundo], ele [Legalidade] já fez isso muito bem.

Bunyan conseguiu descrever com habilidade o que desde sempre se tenta fazer com o cristianismo: por julgá-lo escândalo e loucura, arranca-se dele o poder regenerador do evangelho de Cristo que nos salva e nos liberta do pecado, e o transforma em um conjunto de regras ou leis ou novos ensinamentos que apenas nos ajudarão a viver de modo mais “civilizado” – como se a maior necessidade do ser humano fosse civilidade (e não regeneração); e ainda, como se fosse possível viver civilizadamente sem o milagre do novo nascimento produzido pelo Espírito Santo (a regeneração) por meio do evangelho bíblico. Desse modo “atualizado para o novo mundo”, o cristianismo não passa de uma filosofia de vida que visa tão somente a aliviar o fardo e a atenuar os problemas das pessoas. Ouça o que Sábio-segundo-o-mundo disse a Cristão em *O Peregrino*:

— Além disso — continuou o sábio — ele [Legalidade] sabe curar aqueles que se acham com a mente um tanto perturbada por conta dos fardos que carregam. É a ele, como disse, que você deve procurar. Ele vai ajudá-lo prontamente. Sua casa não fica a mais de um quilômetro e meio daqui, e se ele mesmo não estiver em casa, seu filho, um jovem muito bonito, chamado Urbanidade [Civilidade], é tão perito nisso (a propósito) quanto o próprio idoso pai. Garanto-lhe que ali você poderá encontrar alívio de seu fardo.

— E digo mais — acrescentou ainda —, se você não estiver disposto a voltar para sua antiga casa [na Cidade da Destruição], como de fato eu não desejaria que você fizesse, poderá mandar buscar sua esposa e seus filhos e instalar-se nessa vila. Nela, há hoje casas vazias, e você pode conseguir uma delas por preço razoável. Ali você também encontrará mantimentos bons e baratos, mas o que tornará sua vida mais feliz é que, com certeza, encontrará vizinhos sinceros, confiáveis e educados.

Foi isso o que fizeram com o cristianismo: transformaram-no em bons-costumes, moralismo e legalismo, quando não em liberalismo, a fim de se criar civilidade! Esse tipo de mentalidade é fruto da ideia de que, na medida em que evolui a sociedade, o cristianismo precisa ir se atualizando para este novo mundo mais bem “educado”. Agora, atualizar o cristianismo para o novo mundo nada mais é do que arrancar o conceito de pecado, depravação e necessidade de salvação. Resultado: em vez de civilidade, o que se

descobre, de fato, é um retorno ao barbarismo, posto que o evangelho do novo mundo arranca do evangelho bíblico a possibilidade da salvação e transformação do indivíduo.

Ouçã como Evangelista desmascarou esse tipo de cristianismo para Cristão em *O Peregrino*:

Sábio-segundo-o-mundo é adversário, e o sr. Legalidade, impostor; e quanto ao seu filho Urbanidade [Civilidade], não obstante a sua falsa aparência sorridente, não passa de um hipócrita que não pode ajudá-lo. Creia-me: nada há em todas essas bobagens que você ouviu desse estúpido, a não ser o intento de afastá-lo de sua salvação, desviando-o do caminho no qual coloquei você.

Nosso velho mundo precisa das cartas do novo mundo, das cartas de Paulo, o apóstolo, a fim de nos redimir e de nos transformar para, daí sim, vivermos diferentemente, como filhos de Deus justificados e santificados em Jesus Cristo. 1Coríntios 6.9-11:

<sup>9</sup>Vocês não sabem que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não se enganem: aqueles que se envolvem em imoralidade sexual, adoram ídolos, cometem adultério, se entregam a práticas homossexuais, <sup>10</sup>são ladrões, avarentos, bêbados, insultam as pessoas ou exploram os outros não herdarão o reino de Deus. <sup>11</sup>Alguns de vocês eram assim, mas foram purificados e santificados, declarados justos diante de Deus no nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus.

Portanto, a maior necessidade deste mundo, do velho mundo do pecado em que vivemos, não é de atualização da mensagem do cristianismo para se aliviar o fardo das pessoas, deixando-as permanecer no pecado. O que mais se precisa hoje, e sempre, é da reafirmação da mensagem do evangelho bíblico que regenera, salva, produz transformação profunda e eterna no indivíduo e na sociedade.

## CARTAS DO NOVO MUNDO

O velho mundo precisa do evangelho inalterado de Cristo, uma vez que apenas o novo homem em Cristo, fruto do evangelho imutável de Deus, será realmente capaz de viver de uma forma civilizada, educada e verdadeiramente amorosa. Gálatas 5.22-26:

<sup>22</sup>Mas o Espírito produz este fruto: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, <sup>23</sup>mansidão e domínio próprio. Não há lei contra essas coisas! <sup>24</sup>Aqueles que pertencem a Cristo Jesus crucificaram as paixões e os desejos de sua natureza humana. <sup>25</sup>Uma vez que vivemos pelo Espírito, sigamos a direção do Espírito em todas as áreas de nossa vida. <sup>26</sup>Não nos tornemos orgulhosos, provocando e invejando uns aos outros.

O cristianismo bíblico, portanto, *não é intolerante*, mas CHEIO DE GRAÇA E DE VERDADE. *Cheio de graça* porque é apenas pela graça, por meio da fé que o indivíduo nasce de novo para uma nova vida em Cristo – e essa transformação é sim possível (e o cristão que realmente tem esse entendimento trata com graça o seu próximo, por entender que no estado natural o homem está morto no pecado). *Cheio de verdade* porque

sem arrependimento e confissão de pecado ninguém encontrará o perdão e a transformação de Deus (e o cristão, com graça, fala a verdade bíblica para o próximo).

Isto nos traz a esta série de mensagens que ora iniciamos.

**S.D.G. L.B.Peixoto**